

Avaliação de um programa sócio-afectivo de prevenção do abuso de álcool e drogas na adolescência *

JORGE NEGREIROS DE CARVALHO **

Embora não existam estudos de âmbito nacional que permitam delinear a extensão, natureza e consequências do consumo de álcool na população juvenil portuguesa, investigações conduzidas em outros países junto de sub-populações específicas (*e.g.*, estudantes), parecem dar suporte à noção de que os níveis de consumo dessa substância, bem como os problemas relacionados com o seu uso, têm registado um nítido aumento nos últimos anos (Harford, 1975; Maréchal, 1981).

À semelhança do que acontece com as populações adultas, o consumo excessivo de álcool nos jovens é responsável por diversos problemas ao nível da saúde, rendimento escolar e adaptação social. O abuso do álcool na adolescência tem sido ainda tematizado no contexto de outros «comportamentos-problema» como a delinquência e o uso/abuso de drogas ilícitas (Jessor e Jessor, 1977), pelo que uma intervenção nesta área terá, eventualmente, um impacto mais geral ao nível de outros comportamentos desviantes.

Por este motivo, os esforços tendentes a identificar meios eficazes de prevenção de um consumo excessivo de álcool na adolescência poderão revestir-se de alguma importância. Esta importância decorre ainda da constatação segundo a qual o abuso

de álcool e/ou o alcoolismo constituem condições que se têm, dum modo geral, revelado pouco acessíveis às abordagens de tratamento tradicionais. De facto, os programas de tratamento orientados quer para a abstinência quer para uma modificação dos padrões de consumo não só parecem evidenciar uma eficácia moderada (Vaillant, 1986), como surgem associados a elevadas taxas de reincidência (Botvin, 1983).

As estratégias destinadas a controlar os diversos aspectos deste problema têm, igualmente, incluído modelos de prevenção baseados na educação sobre o álcool (Roe, 1943). Esses modelos têm consistido, largamente, em fornecer informações acerca dos efeitos físicos e psicológicos associados ao uso de álcool e outras drogas. Frequentemente, essas abordagens incluem dados sobre a farmacologia de diferentes drogas e alusões às consequências legais resultantes da sua utilização e baseiam-se no pressuposto geral de que o consumo excessivo de álcool e outras drogas radica num desconhecimento dos seus riscos potenciais.

Enquanto parece algo prematuro concluir que as intervenções centradas exclusivamente na transmissão de conhecimentos sobre o álcool e outras drogas, poderão conduzir, necessariamente, a um aumento dos níveis de consumo, a simples disseminação de informações sobre essas substâncias terá, provavelmente, um limitado impacto (negativo ou positivo) nas atitudes e comportamentos relacionados com o seu uso.

Reconhecendo a ineficácia ou o limitado alcance das estratégias informativas, vários investigadores

* Estudo subsidiado pelo Instituto Nacional de Investigação Científica.

** Professor auxiliar da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

têm, recentemente, proposto a adopção de estratégias de prevenção alternativas. Embora não exista um sistema de classificação das várias estratégias de prevenção que seja consensualmente aceite, uma importante evolução que se delineou em reacção às abordagens baseadas no fornecimento de informação traduziu-se na adopção de métodos orientados no sentido de promover uma mais activa participação e envolvimento dos jovens nas actividades preventivas (Swisher et al., 1972; William, 1968). Ao preconizar a adopção destes procedimentos, estas abordagens admitem, igualmente, que o uso de álcool e outras drogas deve ser conceptualizado como uma questão pessoal, indissociável dos valores e estilo de vida do indivíduo.

Compreende-se, deste modo, que as estratégias preventivas a que este modelo deu origem procurem proporcionar aos adolescentes uma oportunidade de examinar o significado e funções que o consumo de álcool desempenha nas suas vidas (Garfield e Jones, 1980). O objectivo principal desta abordagem consiste, assim, em «influenciar as atitudes e comportamentos em relação ao uso de drogas, promovendo um auto-conhecimento e tomada de decisão responsável» (Garfield e Jones, 1980; p. 102). Dir-se-ia que, embora os programas de prevenção baseados nesta abordagem integrem estratégias e procedimentos bastante heterogéneos, o modelo reflecte, no essencial, a importância que a dimensão humanista da psicologia (Maslow, 1968; Rogers, 1961) exerceu no domínio da educação e prevenção relativa ao álcool e drogas.

Contrariamente às abordagens baseadas no fornecimento de informações sobre o álcool e drogas, este modelo defende, deste modo, que um aumento dos conhecimentos dificilmente conduzirá a mudanças nas atitudes e nos comportamentos a menos que os esforços sejam orientados numa direcção «afectiva». Tendo em atenção os pressupostos teóricos que estão subjacentes às diferentes estratégias a que este modelo deu origem (e.g., clarificação de valores, processo de tomada de decisão, alternativas ao uso de drogas), considerou-se que poderiam ser genericamente inscritas no âmbito de um modelo humanista de prevenção (Carvalho, 1988).

Mais recentemente, tem-se assistido à emergência de modelos de prevenção que se dirigem, especificamente, aos precursores ou antecedentes sócio-ambientais relacionados com a iniciação ao uso de álcool e drogas (e.g., McAlister et al., 1979;

Kawkins, 1981; Pentz, 1983). Os programas preventivos que adoptam esta orientação partilham de um elemento comum que consiste, genericamente, em familiarizar o adolescente com as principais influências sociais que podem favorecer a iniciação ao consumo de álcool e drogas.

Dum modo geral, trata-se de abordagens que enfatizam a necessidade de promover a aprendizagem de certas competências sociais, como a assertividade, por considerarem que a iniciação ao uso de drogas poderá ocorrer devido a uma ausência de competências sociais adequadas. Este princípio é usualmente integrado numa concepção do uso de álcool e drogas baseada na teoria da aprendizagem social (Bandura, 1977). No âmbito desta concepção, é dedicada uma atenção particular aos processos «vicariantes, simbólicos e auto-reguladores» (Evans, 1983; p. 768) que contribuem para a aquisição de hábitos de consumo de álcool e de outras drogas. Uma análise dos fundamentos teóricos em que se baseiam estas estratégias (cf. Carvalho, 1988) permitiu inscrevê-las no âmbito de formulações neo-behavioristas de prevenção do abuso de álcool e drogas.

Parece indiscutível que os factores motivacionais assim como as atitudes e valores face ao uso de álcool e drogas devem, como preconizam as abordagens humanistas, ser objecto de consideração nos programas preventivos. Ao fazer depender a iniciação ao consumo de álcool de factores emocionais e afectivos (valores, crenças, atitudes) estas abordagens têm, no entanto, minimizado a influência de certas variáveis socioecológicas na iniciação e manutenção de padrões de consumo abusivos de álcool e/ou outras drogas. Contrariamente, as perspectivas neo-behavioristas atribuem uma importância periférica a este tipo de factores, sublinhando antes o impacto de certas influências sociais na iniciação do adolescente ao uso de drogas (álcool incluído).

Quaisquer destas formulações parece assim caracterizar-se pelo seu carácter linear e/ou reducionista e, embora reconhecendo, dum modo geral, que o uso/abuso de álcool e drogas representa um fenómeno complexo, determinado multifactorialmente, essas abordagens acabam por adoptar procedimentos e técnicas predominantemente orientadas para um determinado tipo ou constelação de factores (e.g., individuais *versus* sociais).

Tendo em atenção estas limitações, foi elaborado um modelo alternativo de prevenção (Carvalho, 1988), o qual se situa, teoricamente, na confluência

do modelo humanista e das perspectivas neo-behavioristas de prevenção. No âmbito da primeira daquelas abordagens, retem-se o pressuposto geral segundo o qual a decisão de usar álcool e drogas releva de dimensões afectivas (atitudes, valores); relativamente às perspectivas neo-behavioristas, destaca-se, essencialmente, a necessidade de atender ao impacto de influências sociais específicas (e.g., pressão do grupo de pares) na iniciação do adolescente ao consumo de álcool e drogas.

Noutra perspectiva, a presente abordagem preventiva pode ser conceptualizada como uma «forma experiencial de auto-organização» (Da Agra, 1986; p. 87), podendo os seus efeitos ter um impacto mais global no desenvolvimento psicológico dos adolescentes. De facto, ao facilitar um mais adequado controlo das experiências dos adolescentes em relação ao fenómeno do uso/abuso de álcool e drogas, a estratégia de prevenção poderá contribuir para reforçar a autonomia do adolescente face às determinações sócio-culturais e «individuais» susceptíveis de conduzir à iniciação e/ou manutenção de padrões de consumo abusivo de álcool e drogas.

O objectivo do estudo descrito neste artigo consistiu, assim, em avaliar a eficácia de um programa «sócio-afectivo» de prevenção do consumo excessivo de álcool na adolescência junto de estudantes portugueses a frequentar estabelecimentos de ensino secundário. Como resultado da exposição ao programa colocou-se a hipótese segundo a qual os participantes evidenciariam mudanças positivas nas atitudes em relação ao álcool, tabaco e drogas ilícitas, perceberiam maiores «custos» e menores «benefícios» associados ao uso de álcool e evidenciariam um menor «envolvimento» em relação ao consumo desta substância.

MÉTODO

Sujeitos

Participaram neste estudo alunos, de ambos os sexos, a frequentar o 10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade em duas escolas secundárias situadas na periferia da cidade do Porto.

A estratégia de intervenção realizou-se na sequência de pedidos formulados pelos Conselhos

Directivos das referidas escolas solicitando ao Centro de Psicologia do Comportamento Desviante da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto a efectivação de uma intervenção no domínio do consumo de drogas. Foram, deste modo, abertas inscrições para a participação no programa, tendo, para o efeito, sido divulgada, junto de todas as turmas do 10.º, 11.º e 12.º anos, uma informação geral sobre as actividades a realizar, sua duração e conteúdo. O programa foi descrito como centrado no desenvolvimento pessoal, incluindo a análise e discussão de temas com eventual interesse para os jovens (comunicação, consumo de álcool e drogas, etc.).

Aos estudantes que exprimiram a intenção de participar no programa foi distribuída uma ficha de inscrição contendo dados demográficos diversos (idade, sexo, ano escolar, residência) e onde se solicitava ainda autorização aos encarregados de educação para a participação dos estudantes no programa preventivo. A colaboração das escolas para a realização do estudo processou-se de forma regular. Para tal, terá, eventualmente, concorrido o facto de terem sido as próprias escolas a solicitar a efectivação de uma intervenção nesta área em vez de esta ter sido provocada pela instituição que a realizou.

No início do estudo, o grupo experimental era constituído por setenta e oito estudantes, tendo sido excluídos da análise, em virtude de não terem sido recolhidos dados referentes ao pré-teste e/ou pós-teste, trinta e quatro sujeitos. O grupo de controlo foi seleccionado aleatoriamente em ambas as escolas, tendo sido recolhidos dados referentes ao pré-teste e ao pós-teste junto de quarenta e oito alunos. Deste modo, a análise no pós-teste incluiu quarenta e oito estudantes no grupo de controlo e quarenta e quatro no grupo experimental.

A avaliação da intervenção preventiva foi efectuada uma semana após a sua aplicação, tendo sido utilizado um grupo de controlo não equivalente com um pré-teste e um pós-teste (Campbell e Stanley, 1963). No conjunto da amostra, 37.3 % dos sujeitos eram do sexo masculino e 62.7 % do sexo feminino. Os grupos experimental e de controlo incluíam, respectivamente, 31.8 % e 37.5 % de indivíduos do sexo masculino e 68.2 % e 62.5 % de raparigas. As idades oscilavam em ambas as condições (experimental e controlo), entre os 15 e os 19 anos, apresentando os sujeitos uma média de idades de 16.97 no grupo experimental e de 16.63 anos no grupo de controlo.

Uma análise através da prova χ^2 revelou a não existência de diferenças significativas entre os grupos em termos de idade e sexo dos estudantes.

Procedimentos

A todos os estudantes que participaram neste estudo foi administrado um questionário destinado a recolher dados sobre o consumo actual de álcool, assim como sobre outras variáveis atitudinais relacionadas com o uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas.

No sentido de minimizar as percepções dos sujeitos de que estariam a participar num estudo sobre prevenção do consumo de álcool, procurou dissociar-se a recolha de dados da aplicação do programa. Deste modo, a colaboração dos alunos para o preenchimento do questionário foi justificada como fazendo parte de uma investigação sobre formas de ocupação dos tempos livres. Similarmente, os itens que se relacionavam com o consumo de diferentes substâncias, foram apresentados conjuntamente com questões sobre o ambiente escolar e actividades da ocupação dos tempos livres dos jovens. Considerou-se que a adopção destes procedimentos poderia reduzir quer uma distorção nas respostas (e.g., evitar relatar um comportamento ilegal ou socialmente não

aceitável) quer uma «sensibilização» ao pré-teste e ao pós-teste susceptível de interagir com o «tratamento» (Campbell e Stanley, 1963).

Foi ainda assegurado aos participantes na investigação a completa confidencialidade em relação às informações fornecidas. O anonimato das respostas foi igualmente garantido, tendo sido solicitado aos sujeitos que não escrevessem o nome no questionário. As comparações entre os questionários, nos diferentes momentos da avaliação, foi efectuada mediante a utilização de números de código correspondente às datas de nascimento dos sujeitos.

Os estudantes na condição experimental participaram num programa de prevenção, organizado em oito sessões semanais, com a duração de cerca de uma hora cada. As sessões foram conduzidas por dois licenciados em psicologia, tendo ocorrido fora dos tempos lectivos. A composição dos grupos oscilou entre oito e os doze participantes. O grupo de controlo não foi exposto a qualquer tipo de intervenção.

A estratégia de prevenção consistiu num programa de prevenção do abuso do álcool centrado nos factores «sócio-afectivos» que parecem estar associados a uma iniciação do adolescente ao uso desta substância.

Apresenta-se, no Quadro 1, uma breve descrição dos principais temas e objectivos das sessões que constituíram este programa.

Quadro 1
Estrutura geral do programa preventivo

Sessão	Assunto	Objectivos
1	Factos e ficção acerca do álcool	Identificar informações objectivas <i>versus</i> crenças e mitos em relação ao álcool, e
2	Atitudes e valores sobre o álcool	Estimular a identificação e análise e valores individuais em relação ao álcool. Discutir de que forma os valores e atitudes influenciam os comportamentos e decisões face ao álcool.
3, 4	Motivos para usar álcool	Relacionar atitudes e valores sobre o álcool com necessidades individuais. Discutir o significado funcional do uso de álcool.
5, 6	Influências sociais para usar álcool	Identificar e definir as principais influências sociais para usar o álcool. Compreender o «quando», «como» e «porquê» são exercidas essas pressões.
7, 8	Comunicação	Identificar e definir diferentes estilos de comunicação. Discutir os efeitos resultantes da adopção de diferentes estilos de comunicação. Relacionar as reacções possíveis às influências sociais para usar álcool com o modo mais ou menos eficaz de se comunicar com os outros. Treino do estilo de comunicação assertivo.

De notar que a definição dos objectivos e actividades que constituíram o presente programa preventivo, tomou como base a delimitação de duas componentes essenciais: 1) uma componente «afectiva» e 2) uma componente «social». A componente «afectiva» visa, em termos gerais, facilitar o exame e análise das atitudes dos adolescentes em relação ao consumo de álcool; a componente «social» pretende, por outro lado, estimular uma reflexão sobre os diferentes tipos de influências sociais para usar álcool, procurando, simultaneamente, que o adolescente adquira um sistema de «respostas» flexível que lhe possibilite eximir-se ao impacto negativo exercido por essas influências de cariz social (Carvalho, 1988).

Para cada uma das componentes, foram reservadas quatro sessões do programa. Antecedendo a sua aplicação, foi ainda conduzida uma sessão preliminar onde se procedeu a uma apresentação geral da intervenção e se definiram a estrutura e processo do grupo (envolvimento activo, participação individual ou em subgrupos, confidencialidade, pontualidade). Nesta sessão preliminar efectuou-se ainda a administração do instrumento de avaliação do programa (pré-teste).

Refira-se, por último, que as sessões do presente programa preventivo integraram uma diversidade de actividades e métodos (e.g., «role-plays», exercícios, exposições orais, discussões em pequenos grupos, tendo a sua selecção sido efectuada em função dos objectivos e conteúdos das várias sessões que o constituíram.

MEDIDAS

As medidas utilizadas para avaliar a eficácia do programa incluíram: 1) frequência de consumo de álcool; 2) atitudes em relação ao álcool, tabaco e drogas ilícitas; 3) percepção dos benefícios (consequências positivas) e «custos» (consequências negativas) associados ao consumo de álcool.

Medidas atitudinais

As atitudes dos estudantes em relação ao uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas, foram avaliadas através de três escalas constituídas, respectivamente, por oito, seis e sete itens. Os itens, elaborados com base nos resultados de entrevistas em profundidade

realizadas junto de adolescentes com características semelhantes às dos estudantes que participaram no presente estudo (Carvalho, 1986), incluem, em proporções idênticas, afirmações que exprimem uma posição desfavorável em relação ao uso de determinada substância (itens negativos), e afirmações que reflectem uma posição favorável (itens positivos). No sentido de uniformizar o conteúdo entre os itens positivos e itens negativos, procurou-se, sempre que possível, que ao conteúdo de cada item positivo correspondesse um item negativo de conteúdo quase inverso.

Procedeu-se, para efeito do tratamento estatístico destes dados, à conversão dos itens positivos em itens negativos de tal forma que quanto mais elevado for o escore relativo a cada escala mais favoráveis serão as atitudes correspondentes.

As três escalas são avaliadas numa escala tipo Likert de cinco pontos (desde «concordo muito» até «discordo muito»). A fidelidade das escalas foi avaliada através do coeficiente Alpha de Cronbach, tendo sido observados coeficientes de fidelidade de 0.72 para a escala de atitudes sobre o álcool ($n = 530$), 0.70 para a escala referente às atitudes sobre o tabaco ($n = 528$), e 0.78 para a escala de atitudes sobre drogas ilícitas ($n = 530$) (Carvalho, 1988). Um tipo de verificação da validade consistiu em relacionar os escores nas três escalas com o consumo relatado de álcool, tabaco e drogas ilícitas (Carvalho, 1988 a).

A percepção dos «benefícios» (i.e., consequências positivas) e a percepção dos custos (i.e., consequências negativas) associadas ao consumo de bebidas alcoólicas foi medida através de escalas separadas. A escala sobre «benefícios» é constituída por sete questões, descrevendo possíveis consequências positivas relacionadas com o consumo de álcool. A escala sobre «custos» inclui cinco questões que enunciam possíveis consequências negativas resultantes do uso de bebidas alcoólicas. O coeficiente de fidelidade observado (Coef. Alpha) foi de 0.76 para a escala sobre «benefícios» e de 0.81 para a escala sobre «custos» associados ao consumo de álcool. Em ambas as escalas um escore elevado indica a posição favorável ao consumo de álcool.

Medidas comportamentais

O consumo de álcool foi medido através de dois processos. O primeiro consistiu em avaliar a frequência relativa de consumo actual de vinho, cerveja

e bebidas destiladas, durante as últimas quatro semanas. Estas três variáveis foram medidas através de uma escala de cinco pontos que inclui as seguintes escolhas: «nunca», ou «uma ou duas vezes», «várias vezes por semana», «uma ou duas vezes por dia» e «várias vezes por dia».

O segundo procedimento, permitiu uma análise das respostas com base na classificação do comportamento de bebida proposta por Davidson (citado em Maréchal, 1981). De acordo com esta classificação, as respostas dos sujeitos foram agrupadas em três categorias a que corresponde um número igual de níveis de consumo: a) nível 0: não consumo e/ou consumo não diário; b) nível 1: um a dois copos de vinho ou cerveja por dia ou um cálice destilado uma vez por semana (consumo regular); c) nível 2: três ou mais copos de vinho ou cerveja por dia ou mais de um cálice de álcool por semana (consumo de uma quantidade importante de álcool).

RESULTADOS

Variáveis atitudinais

No sentido de determinar as diferenças entre o grupo de controlo e o grupo experimental, ao nível das diferentes variáveis atitudinais, foram conduzidas análises de covariância em cada medida do pós-teste, tendo a condição (experimental *versus* controlo) sido utilizada como factor e o correspondente pré-teste como covariado. Este procedimento permite controlar eventuais diferenças iniciais entre os dois grupos (Ferguson, 1981), traduzindo-se, assim, num aumento da precisão da estimativa do efeito do tratamento (Campbell e Stanley).

O Quadro 2 apresenta as médias ajustadas do pós-teste para as diferentes variáveis atitudinais em função das duas condições experimentais.

Foram observadas diferenças significativas nas atitudes em relação ao álcool [$F(1,89) = 8.90$, $p = .00361$] na percepção dos «benefícios» associadas ao consumo de álcool [$f(1,89) = 5.44$, $p > .02$] bem como nas atitudes gerais em relação ao tabaco [$F(1,89) = 11.07$, $p = .0012$]. Os resultados sugerem, assim, que os estudantes do grupo experimental terão tendência, em resultado da exposição ao programa

Quadro 2
Médias ajustadas no pós-teste referentes às variáveis atitudinais: Comparação entre a condição experimental e de controlo

Variável	Experimental	Controlo
Atitudes gerais face ao álcool	14.8***	16.4
Percepção dos benefícios em relação ao álcool	95*	10.9
Percepção dos custos em relação ao álcool	8.9	9.7
Atitudes gerais face ao tabaco	10.5***	11.4
Atitudes gerais face às drogas ilícitas	14.2	14.4

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .005$

preventivo, a adoptar atitudes mais desfavoráveis em relação ao uso de álcool e tabaco bem como a perceber menores benefícios decorrentes do consumo de álcool, quando comparados com os adolescentes que permaneceram na condição de controlo.

Comportamento de bebida

A análise das diferenças entre o grupo experimental e o grupo de controlo, do pré-teste para o pós-teste, no que se refere às variáveis relacionadas com o comportamento de bebida, foi efectuada através da prova de Wilcoxon. Esta prova é relativamente poderosa já que não considera, unicamente, o sentido, mas também o valor das diferenças de duas amostras correlacionadas (Sigell, 1979).

No Quadro 3 estão sumarizados os resultados da aplicação da prova de Wilcoxon tendo em vista uma análise das diferenças relativas ao consumo relatado de vinho, cerveja e bebidas destiladas no pós-teste, em função da condição (experimental *versus* controlo).

Tomando, em primeiro lugar, os resultados do grupo do controlo, verifica-se a não existência de diferenças estatisticamente significativas no que se refere ao consumo de quaisquer dos três tipos de bebidas alcoólicas (vinho, cerveja e bebidas destiladas), do pré-teste para o pós-teste.

Analisando as diferenças relativas ao grupo

Quadro 3
Diferença entre os resultados médios relativos ao consumo de vinho, cerveja e bebidas destiladas no pós-teste em função de condição (experimental *versus* controlo). Indica-se entre parêntesis a respectiva soma dos postos negativos e positivos

		N	Empates	Média dos postos negativos	Média dos postos positivos	Z	p
Vinho	Experimental	44	33	6.11 (9)	6.50 (2)	-1.956	.05*
	Controlo	48	33	8.00 (8)	8.00 (7)	-.227	.820
Cerveja	Experimental	44	35	5.29 (7)	4.00 (2)	-1.718	.09
	Controlo	48	28	10.0 (7)	10.73 (13)	-1.288	.198
Bebidas destiladas	Experimental	44	37	4.16 (6)	3.00 (1)	-1.859	.06
	Controlo	48	37	5.14 (4)	7.50 (4)	-.268	.790

* $p < .05$

experimental nos dois pontos da avaliação (pré-teste e pós-teste), observa-se uma diminuição estatisticamente significativa ($p < .05$) do consumo relatado de vinho; no que diz respeito ao consumo de cerveja e de bebidas destiladas, os dados apresentados apontam igualmente no sentido de uma redução do consumo destas substâncias, do pré-teste para o pós-teste, embora as diferenças se situem unicamente a um nível «borderline» de significância estatística ($p > .05 < .10$).

Considerando os resultados obtidos relativamente à variável «grau de envolvimento no álcool», medida através do índice de quantidade/frequência já descrito, verifica-se que, no pré-teste, a percentagem de estudantes que podem ser englobados no nível 0 (não consumo e/ou consumo não diário) é de cerca de 66 % para o grupo experimental e de 73 % para o grupo de controlo; relativamente ao do nível 1 (consumo regular), a percentagem de estudantes incluída nesta categoria de consumidores atinge, no pré-teste, valores muito próximos em ambas as condições (18,2 % e 18,8 %, para o grupo experimental e de controlo, respectivamente). Quanto à situação dos dois grupos no pré-teste no que se refere aos estudantes que relatam o consumo de uma «quantidade importante de álcool» (nível 2), verifica-se uma percentagem superior nos indivíduos do grupo experimental relati-

vamente aos alunos que integraram o grupo de controlo (15,9 % *versus* 8,3 %).

A mudança observada no pós-teste, traduziu-se, para o grupo experimental, numa diminuição da percentagem de estudantes susceptíveis de serem incluídos no nível 2 de consumo (15,9 % no pré-teste; 4,5 % no pós-teste) os quais se «distribuíram» pelos níveis 0 e 1. No grupo de controlo, as diferenças observadas no pós-teste dizem essencialmente respeito a um aumento da percentagem de adolescentes pertencentes ao nível 2, a qual sobe de 8,3 % no pré-teste para 14,6 % no pós-teste a par de um ligeiro decréscimo de estudantes que relatam um consumo regular de álcool (nível 1) (18,9 % no pré-teste; 12,5 % no pós-teste).

No Quadro 4 indicam-se os resultados da aplicação da prova de Wilcoxon tendo em vista uma análise mais rigorosa destas diferenças.

Como se constata, enquanto que os estudantes que integram o grupo de controlo não evidenciam mudanças estatisticamente significativas do pré para o pós-teste ($Z = -.800$; $p = .424$), as diferenças no grupo experimental atingem valores significativos ($Z = -2.366$; $p = .018$), sugerindo, assim, que o menor envolvimento no álcool evidenciado pelos estudantes do grupo experimental poderá relacionar-se com a sua participação no programa preventivo.

Quadro 4

Diferença entre os resultados médios relativos ao grau de envolvimento no álcool no pós-teste em função da condição (experimental versus controlo)

Condição		N	Empates	Média dos postos negativos	Média dos postos positivos	Z	p
Vinho	Experimental	44	37	4.00 (7)	0 (0)	-2.366	.018*
	Controlo	48	37	6.00 (4)	6.00 (7)	-.800	.424

* p < .05;

** p < .02

DISCUSSÃO

O presente estudo procurou avaliar a eficácia de uma estratégia de prevenção centrada nos factores afectivos e sociais que parecem promover o consumo de álcool na adolescência. O programa de prevenção avaliado através desta investigação produziu um impacto mensurável em diferentes variáveis atitudinais e comportamentais relacionadas com o álcool e outras drogas.

No que se refere às variáveis comportamentais, observou-se um padrão consistente de redução do uso de álcool junto dos estudantes que participaram no programa preventivo. Tais efeitos traduziram-se numa diminuição da frequência de consumo de certas bebidas alcoólicas, expresso num menor envolvimento no álcool, medido através de um índice de quantidade/frequência de consumo dessa substância. De salientar, igualmente, a ocorrência de efeitos atribuíveis ao programa ao nível de diferentes variáveis atitudinais relacionadas com o álcool, tabaco e drogas ilícitas. Com efeito, os participantes nesta intervenção evidenciaram resultados no pós-teste que traduzem posições atitudinais significativamente mais desfavoráveis ao uso dessas substâncias, comparativamente com os estudantes que permaneceram no grupo de controlo.

Diversas questões ficaram, no entanto, por ex-

plorar adequadamente. Especificamente, conviria examinar o impacto desta intervenção no consumo de outras substâncias psicoactivas, lícitas e ilícitas, bem como analisar os efeitos do programa preventivo em função de variáveis como o sexo, a idade, determinadas características psicossociais (Bry, 1978; 1983), e níveis de consumo de álcool e drogas. Os efeitos desta intervenção poderiam ser ainda avaliados em função de factores como a sua intensidade/duração (i.e., período de tempo e frequência com que é oferecida) e tipo de agente responsável pela sua aplicação (e.g., professores versus estudantes). Uma avaliação *follow-up* possibilitaria ainda verificar em que medida os «ganhos» atribuíveis ao programa preventivo teriam ou não tendência a manter-se com a passagem do tempo.

Uma questão essencial de natureza prática e conceptual levantada pelos resultados deste estudo prende-se com as razões que determinam a eficácia desta abordagem. Uma resposta a esta questão foi já parcialmente fornecida noutro lado (cf. Carvalho, 1988). Poderá, no entanto, argumentar-se a eficácia da intervenção terá decorrido, simultaneamente, da sua focalização nas dimensões afectivas associadas ao uso/abuso de álcool e drogas, bem como da sua centração na aprendizagem de competências susceptíveis de ajudar o adolescente a fazer face a diferentes influências sociais indutoras de um consumo de álcool e/ou drogas.

BIBLIOGRAFIA

- BANDURA, A. (1977) — *Social learning theory*. N. J.: Englewood Cliffs, Prentice-Hall.
- BOTVIN, G. J. (1983) — «Prevention of Adolescent substance abuse through the development of personal and social competence». *National Institute on Drug Abuse: Research Monograph Series*, 47: 115-140.
- BRY, B. H. (1978) — «Research design in drug abuse prevention: Review and recommendations». *The International Journal of the Addictions*, 13: 1157-1168.
- BRY, B. H. (1983) — «Prevention of drug abuse: Multiple community programs for high risk populations», in A. W. Kane & b. M. Crown (Eds.), *Drug abuse: A psychological handbook*. New York: Human Sciences Press.
- CAMPBELL, D. T. e STANLEY, J. C. (1963) — *Experimental and quasi-experimental designs for research*. Chicago: Rand-McNally.
- CARVALHO, J. (1986a) — «Atitudes e consumo de tabaco, álcool e drogas: Implicações para a prevenção». *Cadernos de Consulta Psicológica*, 2: 89-95.
- CARVALHO, J. (1986b) — «Percepção dos motivos e consequências do consumo de tabaco, álcool e drogas junto de estudantes do 10.º ano de escolaridade: Implicações para a prevenção». *O fenómeno da droga em Portugal*. Lisboa: Instituto de Pesquisa Social Damião de Góis (policopiado).
- CARVALHO, J. (1988) — *Prevenção e desenvolvimento psicológico: Elaboração, aplicação e avaliação de um modelo relativo ao álcool e drogas*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (tese de doutoramento).
- DA AGRA, C. (1987) — «Adolescência, comportamento desviante e auto-organizado: Modelo de psicologia epistemanalítica». *Cadernos de Consulta Psicológica*, 2: 81-87.
- EVANS, R. I. (1983) — «A social inoculation strategy to deter smoking in adolescents», in J. D. Matarazzo, N. E. Miller & S. M. Weiss (Eds.), *Behavioral health: A handbook of health enhancement and disease prevention*. New York: John Wiley and Sons.
- GARFIELD, E. F. & JONES, D. R. (1980) — «Drug education group process: Considerations for the classroom». *Journal of Drug Education*, 10: 101-110.
- HARFORD, T. C. (1975) — «Patterns of alcohol use among adolescents». *Psychiatric Opinion*, 12: 17-21.
- HAWKINS, R. D. (1982) — «Adolescent alcohol abuse: A review». *Developmental and Behavioral Pediatrics*, 3: 83-87.
- JESSOR, R. & JESSOR, S. L. (1977) — *Problem behavior and psychosocial development*. New York: Academic Press.
- MARÉCHAL, C. (1981) — *L'alcool et les jeunes*. Paris: PUF.
- MASLOW, A. (1968) — *Toward a psychology of being*. New Jersey: Van Nostrand, Princeton.
- MCALISTER, A. L.; PERRY, C. & MACCOBY, N. (1979) — «Adolescent smoking: Onset and prevention». *Pediatrics*, 63: 650-658.
- PENTZ, M. A. (1983) — «Prevention of adolescent substance abuse through social skill development». *National Institute on Drug Abuse: Research Monograph Series*, 47: 195-232.
- ROE, A. (1943) — «A survey of alcohol education in elementary and high schools in the United States». *Quarterly Journal of Studies on Alcohol*, 3: 574-662.
- ROGERS, C. (1961) — *On becoming a person*. Boston: Houghton-Mifflin.
- SWISHER, J. D.; WARNER, R. W. & HERR, E. L. (1972) — «An experimental comparison of four approaches to drug education among ninth and eleventh graders». *Journal of Counseling Psychology*, 19: 328-332.
- WILLIAMS, A. F. (1968) — «Psychological needs and social drinking among college students». *Journal of studies on Alcohol*, 29: 355-363.
- VAILLANT, G. (1986) — *Illusions about alcohol*. Comunicação apresentada no Salzburg Seminar (sessão 248), Áustria.

RESUMO

Após uma análise dos desenvolvimentos teóricos mais significativos no domínio da educação e prevenção do abuso do álcool e drogas, o autor enuncia os principais pressupostos teóricos de um modelo alternativo nesta área. A eficácia de um programa sócio-afectivo de prevenção do abuso do álcool e outras drogas, elaborado a partir do referido modelo, foi posteriormente avaliada junto de alunos do 10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade a frequentar duas escolas secundárias situadas na periferia da cidade do Porto. Os resultados indicaram que o programa preventivo não só teve um impacto significativo no consumo de álcool como operou mudanças nas atitudes consistentes com um menor envolvimento no uso de álcool e outras drogas.

ABSTRACT

After reviewing the most important theoretical developments in the field of alcohol and drug education/prevention during the past twenty years, the author briefly describes the theoretical foundations of an alternative model in this area. The effectiveness of a eight session program to alcohol abuse prevention was then tested on secondary

school students from two sub-urban Oporto junior high schools. The prevention strategy attempted to focus on the major affective and social factors that appear to promote the abuse of alcohol and other drugs in adolescence. Results indicated that the prevention program had a significant impact on alcohol use. Furthermore, significant changes were also evident with respect to selected attitudinal variables in a direction consistent with non-substance use.